

Arte

MINISTERIO DA  
ARQUITECTURA

Lalmárica

ESCRITA POR

UM PADRE DA COMPANHIA DE JESUS

=====  
NOVA EDIÇÃO  
=====

Preço.... 0:06:00



---

NOVA GOA—IMPRESA NACIONAL—1918



S.A.  
28679

COMPRA

R. 186020

ARTE PALMÁRICA — um tratado especial de cultura dos palmares — escrita por um dos padres da Companhia de Jesus, foi pela primeira vez publicada na Imprensa Nacional desta cidade em 1841 pelo Secretário Geral do Govêrno, Cláudio Lagrange — 4.º de 18 páginas — e inserida depois por Filipe Neri Xavier em 1852, no seu *Bosquejo Histórico das Comunidades*.

Do *Bosquejo* transcreveu-a Bernardo Francisco da Costa no seu *Agricultor Indiano*, vol. I, pags. 141-168, publicado em Lisboa no ano de 1872, corrigindo algumas palavras que deveriam ter sido erros tipográficos ou de cópia, e intercalando no texto, em itálico, para os distinguir dos que

são próprios do autor, alguns parêntesis explicativos de frases e medidas indianas.

Seguiu o texto assim melhorado J. I. de Loiola no seu opúsculo *Culturas Indianas*, impresso em 1896.

Estando inteiramente esgotado tanto a edição de 1841 e como o *Bosquejo Histórico das Comunidades*, sendo também rara no país a obra de Bernardo Francisco da Costa, e o folheto de José Inácio de Loiola, sai hoje esta edição, feita conforme com o *Agricultor Indiano*, vulgarizando-se assim um escrito onde há muita noção de reconhecido proveito á agricultura local.

---

MINISTERIO DA CULTURA  
ARQUIVO

Arte

Lalmázica

ESCRITA POR

UM PADRE DA COMPANHIA DE JESUS

=====  
NOVA EDIÇÃO  
=====

Preço.... 0:06:00



---

NOVA GOA—IMPRESA NACIONAL—1918





## ARTE PALMÁRICA

ESCRITA POR UM DOS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS

---

### Notícia preliminar

1.º Assim como em outras partes do mundo ha variedade de fazendas, de que vivem, os senhorios delas, assim também nesta Ásia ha outras, muito diversas das da Europa. África e América. As principais, mais comuns e rendosas, porque mais frutíferas são os palmares, cujas árvores (o que em nenhuma outras se acha) dão fruto doze vezes no ano, qual a árvore que S. João viu no seu Apocalipse porque cada mês produz um cacho de cocos, maior ou menor, segundo o trato dos palmareiros lhes fazem, e qualidade do chão em que estão plantadas. E palmeiras ha, que dentro dum ano dão quinze e dezasseis cachos, como eu vi, em uma das quais, em um só colhimento, obtive 196 cocos, todos bons e bem criados. Ha cachos de muito número, como se viu em uma fazenda de Gudêm, na qual se achou um, que tinha trezentos e tantos cocos,

2.º Além disto, a palmeira é a árvore mais útil e de maior serventia que nenhuma outra, porque dela se tira vinho, azeite, vinagre, doce, água e mantimento. O seu fruto tem saída para toda a parte, e nela grande estimação e valor; serve nos sacrificios que os gentios fazem aos seus ídolos, nas grandes festas e casamentos, principalmente depois de sêco.

Nesta Índia entram geralmente para temperos de vários guizados, ou seja tirando-se dêle leite, ou puramente ralado. Com a sua madeira e fôlhas, a que chamam *olas*, se cobrem as casas; da mesma madeira se fazem boias para embarcações, e outras muitas coisas, que por brevidade deixo de mencionar.

Mas, para dizer tudo em resumo: com o que sai da palmeira, se pode pôr no mar uma embarcação á vela com todo o necessário de casco, mastros, vergas, cordas, amarras, água, vinho, azeite, vinagre, mantimento e doce. E por todas estas razões se pode com toda a verdade, e sem encarecimento, dizer da palmeira, que leva a palma a todas as mais árvores.

3.º Em Goa, Salcete e Bardês, são os palmares mais em número, pela grande extracção que fazem dos seus frutos para o norte e interior do sertão, e se não houvesse êsse género de fazenda, nas ditas províncias, é sem dúvida que os seus habitantes seriam pobrissimos e não teriam de que se pudessem sustentar, por que dos seus rendimentos sustentam não só os ricos, mas os pobres, com o que ganham no granjeamento delas; e não duvido que os palmares seriam ainda mais



rendosos, se todos os possuidores de fazendas fizessem os seus granjeamentos e plantações, como e quando deviam.

4.<sup>o</sup> Como, porêm, uns por ignorância e por miséria outros, não fazem o que devem, e perdem semelhantes fazendas segundo tem mostrado e mostram as experiências e observações tantas vezes feitas, porisso muitas destas fazendas não medram, e a maior parte delas no tempo presente estão arruinadas; e se lhes não acudirem acabarão totalmente, e por muita especialidade as que estão plantadas em chãos viciados, com uma doença a que chamam *Manddoly*, cuja qualidade até agora se não sabe, porque uns dizem que procede de muita frialdade e outros de muito calor da terra, isto parece o mais provável e quasi certo, porque semelhante doença não começou se não quando houveram os grandes terremotos pelas partes mais próximas do mar, e com os quais a terra exalou de si grandes vapores cálidos, cujas fumaças se viram sair ainda do mesmo mar; e por isso a terra, onde ha esta doença, até na côr mostra estar tão abraçada, como se a queimassem com grande fogo.

5.<sup>o</sup> O que suposto, para que todos possam ter fazendas boas dêste género, lhes quero nesta arte ensinar, como as hão de plantar, criar, e proceder nos seus granjeamentos pelo tempo adiante. E se observarem as regras, que aqui apontarei, tenho, pois, sem dúvida, que as suas fazendas serão muito frutíferas, e rendosas, e em breve tempo darão fruto, e se conservarão sempre vegetativas, e conhedidamente boas, como a experiência me tem mostrado, nas que por esta regra se

plantaram e granjearam com pasmo e admiração de todos os que viram; e tanto que me chegaram a perguntar, que coisas fazia eu, para que as minhas palmeirinhas e jaqueirinhas se lograssem, quando as suas, repetidas vezes plantadas em anos continuados, escassamente lhes escapavam algumas mas tão fraquinhas, que ou vinham a morrer, ou em muitos anos não davam fruto. E se persuadiam os que isto me perguntavam, que eu tinha algum livro particular, pelo qual me guiava, e regia. Mas o certo é, que eu não fazendo caso dos costumes que os naturais observam nesta matéria, só me governava e me governo pelo meu discurso, observações, e experiências fundadas na boa razão.

## CAPÍTULO I

### Do modo de se escolher os cocos para semente

6.º De ser ou não ser boa a semente dos cocos, vai muito para os palmares serem ou não serem bons. Alguns se persuadem que os cocos de semente só se hão de tomar de tais ou tais palmeiras, como se da qualidade do chão dependesse a bondade desta semente. Daqui vem, que uns buscam os cocos da ilha Juari, outros na aldeia de Carmoná, tendo por maiores os que se criam nestes terrenos, do que os que produzem os palmares de outras partes.

Mas é certo que enquanto eu não fiz as minhas observações, dessas partes os mandava buscar para fazer os plantamentos necessários nas fazendas que tenho a meu cargo,

e me sucedia tão mal, que finalmente me desenganei, e deixei de buscar semente de fóra, e a tirava dos palmares da minha administração, e tudo me sucedia bem, diversificando-me em tudo que os mais obravam, e ainda hoje obram alguns que não tem comunicado comigo nesta matéria.

7.º O que os mais regularmente fazem quando querem tirar os cocos de semente, é escolher nos colhimentos de Fevereiro e Maio, cocos secos dos montes, que nos tais colhimentos se fazem, e êstes guardam para semear, porêm nisto erram em duas cousas: a primeira é que os cocos tirados do monte não se podem conhecer de que palmeira são; se de palmeiras velhas, se de novas, ou se de anos competentes; se de palmeiras fracas, ou de palmeiras fortes e de boas cabeças; se de boa ou má casca, porque, nem todas as cascas de cocos são boas para semente.

A segunda causa em que erram é, que ainda dado se conheça a bondade da palmeira e a qualidade de cocos, como êstes são derrubados, e caídos na terra da eminente altura das palmeiras com a grande pancada que dão no chão, ou quebram, ou aluem; se quebram, apodrecem e não nascem; se aluem, nascem as palmeirinhas muito franzinas, e por mais que tratem delas, sempre ficam debilitadas, e como tais, ou não dão fruto, ou dão muito pouco, e mui ruim, ainda que o palmareiro lhe faça bom granjeamento.

8.º Pelo que, para os cocos de semente se escolherem com acerto, antes de se começarem os ditos colhimentos, dos quais só se devem tirar cocos para semente, porque os de



Agôsto são muito fracos, e de pouca substância, quem tiver palmares, os visite e amarre uma ola em cada uma das palmeiras, de que houver de tirar semente, e esta não deve ser de menos de trinta anos, mas daí para cima, deve ser forte, ter boa cabeça e bons cachos.

Entre estas palmeiras ha uma, que dão coco de casca vermelha, e outras produzem cascas muito verde, e estas sempre carregam bem, pôsto que os côcos não são maiores, mas, para quem os vende a número, êstes são os de maior utilidade. Enquanto houver destas palmeiras não se tira de outras.

Mas se houver de tirar de outras, as palmeiras, além da sobredita condição de anos, fôrça e cabeça, não tenham as olas irtas por cima, mas sejam das olas curtas e largas.

9.º Assinaladas as palmeiras na forma sobredita, não se faça colhimento delas, mas reservem-se para se colherem daí a um mês, ou mês e meio, porque como os cocos do segundo e terceiro cacho não estão ainda perfeitamente maduros, se os colherem logo, então não sairão depois as palmeiras boas, porisso lhes deve dar o tempo competente para amadurecerem bem; quando muito se poderão colher os cocos do 1.º cacho pelo modo que agora direi.

10.º Tanto que os ditos cachos tiverem o seu tempo completo, não se devem derrubar, mas mandar as pessoas acima da palmeira, da qual vá tirando côco por côco e metendo em um cesto que deve levar consigo, amarrado com uma corda de altura da palmeira, pela qual lance os ditos para baixo, sem dar a pancada. E dêstes cocos nem todos servem

mas só se devem escolher os que tiverem olho grande e casca de fora bem roliça, e de nenhuma sorte chupada, ou com rugas, porque é sinal que os côcos dentro não estão bem criados, e por tanto não servem para semente.

11.º Tirados e escolhidos os côcos pelo sobredito modo, ponham-se em parte aonde lhes dê sol, com os olhos para cima, até que se sequem ao menos duas partes da água que tiverem dentro. Então se abram alengas (*caldeiras*) de sufficiente altura, em que os tais cocos se semeiem de sorte que fique só o mate (*terra*) um ou dois dedos sôbre os olhos dos cocos, porque com a regadura que deve ser cotidiana, ou ao menos em dias interpostos, se irá o mate abatendo, de sorte que fiquem os olhos dos cocos aparecendo. No fundo das alengas se lance sal misturado com cinza, em sufficiente quantidade, para que o carιά não rã as cascas e damne os cocos, que sem dúvida não nascerão; e em cima delas principalmente sôbre os olhos, se faça o mesmo, antes de os cobrir com o mate. Depois de estarem nascidos, ainda que levemente, se tirem das alengas, estas se tornem a reformar com novo sal e cinza, e se observe o mais que da primeira vez que se semearam.

## CAPÍTULO II

Do tempo e modo como  
se hão de plantar as palmeirinhas  
depois de nascidas

12.º Quando os cocos são escolhidos e semeados pelo referido modo, com facilidade



nascem dentro de quatro ou cinco meses, sendo o chão bom, e tendo boa regadura. Pelo contrário succede, quando os cocos não são desta sorte escolhidos e se enterram demasiadamente, como eu vi em cocos semeados por outros, os quais nem ainda em oito ou nove meses nasceram, porque alêm de não serem escolhidos bem, os enterram quási um palmo debaixo da terra. E tanto que nascerem, e tendo o seu combo (*plumula*) ou olho da altura de um palmo, ou menos, então se transplantem se fôr tempo conveniente, como logo direi.

13.º Não o usam assim os que comumente fazem êste género de plantamentos, porque esperam, que as palmeirinhas tenham um ano ou mais, e então as transplantam ou no fim de Maio, ou no de Agôsto, na estrêla de mogó, mas, nem em um, nem em outro tempo se devem fazer os tais plantamentos nem depois de serem as palmeirinhas tão antigas. A razão de tudo é, porque transplantando-se depois de tão antigas, ao tempo em que as arrancam, se lhes quebram as raizes, e as que se não quebram é necessário cortá-las, o que elas muito sentem, por serem plantas novas ou tenras, e semeando-se sem raizes no tempo de inverno, quando a terra está já fria, e encharcada em água, ou morrem ou melam, como eu muitas vezes vi e experimentei. E se as semeiam no fim de maio, como então, ou pouco depois, no principio de Junho vem a invernada, e as acha ainda sem raizes, tem o mesmo mau successo.

14.º Pelo que, o tempo mais próprio de as transplantar, é de Novembro para diante, em

conjunção de lua nova, porque transplantando-se então ainda pequenas, como tenho dito, não tem raizes fora da casca, ou se tem alguma, é tão pequena, que não é necessário cortá-la, nem se sentem arrancá-las de terra, e no chão em que se transplantam começam logo a largar raizes, como em terra própria. E neste tempo se podem fazer, e é bom, que se façam covas fundas, em que se transplantem as palmeirinhas se perigo de apodrecerem, porque como só tem a água da regadura e esta com facilidade se some, deixando a terra húmida, e fresca, não há lugar para terem o sobredito prejuizo, como o tem no tempo de inverno, motivo porque os que nêle fazem os plantamentos, as transplantam a flôr da terra, e se depois lhes não lançam grandes entulhos sempre as palmeiras ficam fracas, e fácilmente caem com os ventos fortes.

15.º Pelo sobredito modo e tempo, as transplantei sempre, depois que ví por muitas vezes, que transplantando-as como os mais, me sucedia muito mal; porém; depois que me aparteí do estilo comum, sempre me sucedia bem, logrando-se todas as palmeirinhas com muita fôrça, sem me morrerem mais, a não ser alguma por fôrça de cariá, ou outra alguma doença, e últimamente, tendo transplantado neste verão quasi setecentas delas, só morreram cinco pelas sobreditas causas, e as mais saíram tão fortes e perfeitas que causaram admiração a todos.

16.º Depois de plantadas assim estas palmeirinhas, costumam todos fazer-lhes as suas rodas, e nelas ordinariamente plantam leiteiras. E perguntando eu em certa ocasião aos

mucadões (*caseiros*) responderam que as faziam frescas e defendidas dos gados ; mas eu lhe mostrei evidentemente, que se enganavam, porque em primeiro lugar, no tempo de inverno se enchem estas rodas de água, na qual se afogam as palmeirinhas, e morrem, porque lhes apodrecem as raízes, e no tempo de verão tão fora de as refrescar, que antes são causa de se aquentarem mais, porque só não se lhes exprime o calor do recto do sol, mas também reflexo, que da pelas bordas das tais rodas, e reflecte para as palmeirinhas, e para lhes fazer isto mais evidente mandei quebrar uma roda, e se viu cláramente, que as bordas delas tinham todo o mate queimado como se lhes tivesse pôsto fogo.

17.º Acresenta-se, que as leiteiras são de si quentíssimas, e a sua sombra muito nociva, e uma e outra cousa bastaria para matar as palmeirinhas, e porisso todas as que são cercadas desta sorte, ficam fraquinhas, amarelas e como tísicas. Além de que as mesmas leiteiras abafam e tomam o vento de que as palmeirinhas necessitam, e porque, por último, chupam a si toda a fôrça, ou frescura da terra, que as palmeirinhas se havia de comunicar. E no que respeita a defenderem estas rodas, as palmeirinhas para que o gado as não coma, também é cousa evidentemente falsa, porque sem impedimento algum podem comê-las como mostrei aos mesmos mucadões, e pode ver cláramente qualquer palmareiro.

18.º O que costume fazer, e fazem outros á minha emitação, é plantar as palmeirinhas em campo raso sem rodas de mate, e cercá-las, ou com pontas de bambus, ou com espi-



nhos, ou com outra coisa equivalente, que as defenda do gado, e não impeça entrar e sair o vento, e desta sorte se logram bem; e a seu tempo, desmachando estas cercas com muita facilidade, se podem lavrar ou cavar, e nada disto se pode fazer, sendo as palmeirinhas cercadas do primeiro modo, bem sei, que desta sorte se fazem mais algumas despesas, mas também sei, que é melhor fazê-las, de que morrerem as palmeirinhas, comê-las o gado, ficarem como tísicas, e andar fazendo por estas coisas plantamento sem fruto e sem proveito; quem se resolve fazer plantamento de semelhantes árvores, não deve reparar despesas, afim de que se logrem, porque também as recuperará mais depressa com fruto, que as palmeirinhas darão mais cedo.

### CAPÍTULO III

#### Do modo com que se ha de dar regadura a estas palmeirinhas

19.º De serem ou não serem bem regadas as palmeirinhas, em muito pequenas, depende também o sairem, ou não sairem boas porque assim como as crianças, enquanto pequenas se lhes não dá a porção necessária de bom leite saem fracas e duentias, e nunca ao depois tomam as fôrças, por mais que comam ou bebam, assim também as palmeirinhas, se são no princípio bem regadas, saem fortes, e criam boas raizes, e ao depois dão bom fruto. O modo que eu observo nos plantamentos que faço é o seguinte. No primeiro dia em que as transplanto, mando lançar a cada uma três

calções de água em diversos tempos, no segundo dois, e nos trinta dias seguintes a cada uma seu calção (*cerca de um almude*), e passados os primeiros trinta dias, um dia por outro se lança a cada uma um calção de água, e assim se continua até entrar o inverno.

20.º A alguns parecerá grande despesa estar regando estas palmeirinhas desde Novembro ou Dezembro até Junho, e, para a evitarem, fazem os seus plantamentos no inverno; mas não tem razão para repararem nesta despesa. 1.º se elles, segundo o estilo de todos observado, ou hão de regar três anos, sob pena delas não sairem fortes, ou delas morrerem, começando mais cedo com a regadura, mais cedo acabarão com ela, sem que por isso façam mais despesa, porque não ha mais differença que começar mais cedo ou começar mais tarde e acabar mais cedo. 2.º Porque dado e não concedido, que se gastasse mais alguma cousa, esta maior despesa se devia dar por bem empregada, logrando-se as palmeirinhas, que se perdem por falta de regadura, e porisso é preciso repetir, uma e muitas vezes os plantamentos com maiores gastos sem medrar alguma das palmeirinhas, e com perda dos frutos, que mais cedo poderiam dar se tivessem rega competente.

21.º Enquanto dura a regadura destas palmeirinhas, além da cinza e sal, que se deve lançar no fundo das covas, em que se transplantam, e nos olhos das mesmas palmeirinhas para as preservar de que o cariá as coma, ou rôa; depois de fechada a cova se deve alguma cinza na alenga sem mistura de sal; e assim se deve continuar cada dois meses para



as palmeirinhas ficarem fortes e bem criadas, e livres do carιά, por que a experiência tem mostrado, que fazendo-se assim, dentro de um ano ficam as palmeirinhas tão formosas, que parecem ser de três a quatro anos.

#### CAPÍTULO IV

Da disposição do chão em que se tem de fazer os plantamentos —distância que as palmeirinhas hão de ter entre si—modo com que os canteiros se devem armar e em que época

22.º Muitos ou quasi todos os que fazem plantamentos de palmeirinhas, não fazem mais do que abrir as covas no chão e meter-lhes as palmeirinhas, ainda que os chãos dos plantamentos estejam tortos, e alcantilados, e reservando-o endireitá-los quando as palmeirinhas estiverem grandes; mas nisto não obram com acerto, porque antes de se plantarem as palmeirinhas é que o chão se devem endireitar o que talvez depois se não poderá fazer sem mui grandes despesas, ou grande prejuízo das palmeirinhas. E se para evitarem uma e outra coisa os deixarem alcantilados, nunca as palmeirinhas medrarão, porque toda a água do inverno lhes faltará, e ficando as palmeiras sem frescura, e humidade nos pés, também ficarão sem fruto. Bem sei que ha alguns chãos incapazes de se endireitarem, e porem rasos; mas em tal caso façam-se ao menos tableiros, uns

mais altos que os outros, que possa a água do inverno comunicar igualmente a todas as palmeiras, e quando isto se não possa inteiramente fazer, façam-se ao menos canteiros, cada um sôbre si, mas direitos e iguais, e de tal figura, que possam ao menos lavar-se com o arado.

23.<sup>o</sup> Êstes canteiros, e quaisquer outros, que nos palmares se fizerem, não devem ser muito grandes, mas tais, que só levem seis, oito, ou nove palmeiras, porque sendo pequenas, com muita facilidade e pouca despesa se endireitam. E quando se quer fazer entulhos rasos, com menos despesa se conclue êste serviço. Advirto, porêm, que quando êstes plantamentos são novos, devendo o chão estar direito, não se lhes armem os canteiros, senão depois de terem três anos e sairem da regadura. E a razão disto é, que se logo lhos armarem, quando vierem os invernos se encherão os canteiros de água. Passados, porêm, três anos, como já então terão suficientes raízes, quanto mais água receberem os canteiros, tanto mais medrarão as palmeirinhas e mais engrossarão.

24.<sup>o</sup> Quanto á distância, que os naturais absolutamente dizem que deve ter de distância ou comprimento de um bambù isto é nove mãos em quadro (*dezóito palmos de cada face, ou tresentos vinte e quatro palmos quadrados de superficie*), e a razão em que se fundam é, porque não ficando na dita distância as palmeirinhas, ficarão mui bastas, e umas tomarão o vento as outras, e sem vento não darão o devido fruto, como mostram as experiências. Eu, porêm, digo, que esta regra não deve ser

tão invariável que seja êrro fazer o contrário, pelo que julgo se deve atender a qualidade dos chãos em que se fazem os plantamentos: se êstes forem muito fortes e viçosos, deve-se observar a dita regra, e ainda dar-se maior distância; se forem fracos, menos distância basta, e quanto mais fracos forem, tanto menor distância bastará, porque como nestes chãos as palmeirinhas não criam grandes cabeças umas não impedem o vento das outras, e assim cessam o motivo, porque se requer em chãos fortes e sucosos a distância de nove ou dez mãos.

25.º Quando, porêem, os plantamentos se façam nos valados, que levem uma ou duas carreiras de palmeirinhas, então menos distância basta, vg., de cinco ou seis mãos, e talvez menos. A razão disto claro está, e se vê com os plantamentos em semelhantes valados, porque as palmeirinhas nêles plantadas ao cum-passo que vão crescendo, se vão afastando as cabeças umas das outras porque não tem nos lados quem lhes impeça esta separação, a fim de tomarem todas vento, de que necessitam. Nos plantamentos, porêem, em que ha muitas carreiras como umas não podem fugir das outras, com as cabeças, se ficarem sem a distância já dita, ficarão abafadas, e não darão fruto, ou êste será muito pouco e mal criado motivo porque muitas vezes se tem mandado disbastar palmeiras que estavam muito juntas, para que pudessem dar fruto, o que certamente se conseguiu, cortando-se, vg., de três palmeiras a que ficava no meio. Eu vi palmares, os quais foi necessário disbastá-los não uma só, mas três e quatro vezes, porque o



chão era muito forte e viçoso, ao compasso que as palmeiras iam crescendo, ia também conhecendo, que entre elas precisava haver maior distância.

## CAPÍTULO V

### Do modo com que se deve fazer o entulho dos palmares

26.<sup>o</sup> Dois modos ha de entulhar palmares, a um chamam entulho raso, e a outro entulho ao pé, e ambos se fazem por diferentes modos. O entulho ao pé, é aquele que só se lança nos pés das palmeiras de tempos em tempos, vg., de três em três ou de quatro em quatro anos; como as palmeiras chupam a substância da terra, em que estão plantadas, para se nutrirem, assim passados os ditos anos, fica a terra tão fraca que já lhes não pode comunicar substância alguma, e por isso é necessário lançar lhes ao pé nova terra, ou mate, de cujo suco possam tomar novas fôrças para frutificarem.

27.<sup>o</sup> Êste novo mate ou terra ou pode ser da mesma espécie de que é o chão do palmar, ou de espécie diferente; se o chão do palmar é de areia, pode entulhar-se com areia sucosa, mas se houver cómodo para isso melhor será que se entulhe com o mate vermelho do outeiro, porque êste é o mais forte, e substancioso, e a experiência tem mostrado que faz uma tal mistura que as palmeiras ficam muito fortes e se carregam bem de cocos.

E a razão disto a meu vêr é, não só por ser a terra do outeiro mais forte, senão também porque esta se não une tanto com a areia antes por meio de uma e outra se estendem mais fácilmente as raizes das palmeiras para atrairem a si de mais longe o suco, e substância de que se possam nutrir, o que não succede assim quando o entulho é de areia, porque se une e se coliga mais com o chão da terra do palmar.

28.º Se, porém, o chão dos palmares fôr do mate vermelho do outeiro, podem entulhar com a mesma espécie de mate. Se, porém, tiver cómodo para se entulhar com a areia sucosa, será melhor, porque a experiência tem mostrado as grandes utilidades, que de semelhantes entulhos se tem seguido em chãos de mate vermelho, porque assim como o mate vermelho não deixa unir e coligar-se entre si a areia com a areia, assim também a areia não consente, que se coligue o mate vermelho com o mate vermelho, apertando as raizes das palmeiras, e impedindo a outras o atrairem pelas raizes o suco que recebem dos lugares visinhos por onde as tais raizes se espalham, quando não ha quem as impeça.

29.º O modo com que êste entulho raso se deve fazer, não é o que observam a maior parte dos palmareiros por falta de advertência, porque se contentam com lançarem ao pé de cada palmeira vinte, trinta e quarenta, e ás vezes mais cestos de mate, imaginando que tem feito um grande entulho de que lhes ha de resultar grande lucro nos colhimentos seguintes. Mas na realidade se enganam, porque em lugar de faze-



rem bem, fazem um grande mal, e ficam frustradas e sem proveito as despesas de semelhantes entulhos, e por respeito destes serão obrigados a fazer outras maiores despesas, o que mostro claramente.

30.º Os entulhos ao pé, feitos por êste modo, por uma parte fazem que as palmeiras criem raizes sôbre a terra, e percam a fôrça as que estão dentro dela. e faltando as antigas raizes as palmeiras, não só lhes faltarão os frutos, mas ficarão expostos a cairem com os ventos. E claro está, que uma e outra coisa é grande ruina e perda. Em segundo lugar, quando a água da chuva começa a cair pelos pés das palmeiras abaixo, leva consigo êste mate do entulho afastado dos pés das palmeiras, e afastando delas êste mate, já por nenhum modo lhes pode aproveitar. Terceiro, dado que a chuva não leve todo o mate dos entulhos, quando as palmeiras se lavram, os arados acabam de o levar e apartar, e desta sorte ficando os palmares com aquele mate, ficam as palmeiras sem entulho. E daqui vem que ainda que as entulhem desta sorte todos os anos, nada aproveitam desta semelhante despesa.

31.º Quarto, se algum mate fica ainda em monte aos pés das palmeiras, faz que a água se não comunique aos pés das mesmas, porque a água, como corpo grave, ha de ir buscar o lugar mais baixo, e se quizerem que a água lhes chegue será necessário afastar o mate com uma enxada, e já lá vai o intento, ou será preciso fazer outro entulho raso para igualar o chão, e já é necessária outra grande despesa que seria escusada, se o entulho ao

pé se fizesse como era necessário para evitarem todas estas despesas e danos o que suposto, o dito entulho deve-se fazer pela maneira seguinte.

32.º Passado o mês de Dezembro em qualquer dos meses seguintes, até 15 ou 20 de Maio, se ainda não chover (porque com o mate molhado, senão deve fazer o entulho) se abram as alengas largas e fundas, largas para que o entulho abranja as raizes, que estão afastadas dos pés das palmeiras, e fundas quanto puder ser, sem prejuízo das mesmas raizes, para levarem bastante mate, e no fundo de cada alenga se espalhe um cesto de cinza boa e se esta fôr feita de palha de várzea salgada será melhor, porque é menos quente e mais sucosa, e se não houver cinza em tanta abundância, ao menos se lhe lancem e espalhe meio cesto, e sôbre ela vá lançando tanto entulho que encha a alenga toda, de sorte que só fique sôbre o plano do palmar a altura de quatro a seis dedos, os quais com a chuva se assentam, e se abatem, e fica todo o entulho igual ao chão, e desta sorte nem as palmeiras criam as raizes em cima, nem chuva lhes apartará o mate dos pés, nem os arados o levarão para fora, nem o chão ficará desigual, e as palmeiras lograrão o beneficio dos entulhos, e por fim não será necessário fazer entulho de três em três anos, porque os que desta sorte se fizerem serão melhores, e conservarão por mais tempo a substância da terra para nutrição das palmeiras.

33.º Tenho dito o que pertence ao entulho ao pé, agora direi o que toca ao entulho raso. Êste se faz por um de dois motivos, ou por

ambos juntamente, o primeiro motivo pode ser para igualar o chão, que em umas partes esteja alto, e em outras baixo ; se por êste motivo se fizer, claro está que só deve lançar nas partes mais baixas, para que o chão fique todo igual.

34.º O segundo motivo pode ser para cobrir as raízes das palmeiras que estejam descobertas, e fora da terra e por lhes faltar a subsistência que da terra haviam de receber estão fracas e não dão fruto, ou o dão muito mal criado. Êste foi o motivo de se fazer o entulho raso, já se deixa vêr, que deve ser tanto alto quanto fôr preciso para cobrir as raízes, e dar substância as palmeiras porque o espalhar sómente um pouco de mate por modo de quem lança semente na terra, como muitos fazem, de pouco ou nada aproveitará, ficará o palmar com mais êsse mate, mas as palmeiras sem entulho, e o palmareiro com despesas feitas sem utilidade que pretendia, e devia pretender, porque palmares não se devem entulhar por costume, ou por cerimonia, mas por necessidade ou conveniência.

## CAPÍTULO VI

Do tempo de cinzar os palmares e qual a cinza que se deve empregar

35.º Ê costume comum dos palmareiros cinzar os seus palmares todos os anos, porque dizem que a cinza refresca muito os palmares no que se enganam egregiamente porque se a cinza por sua natureza é quente, como pode refrescar as raízes das palmeiras, para as



mesmas darem melhor fruto? O principal efeito da cinza lançada em tempo competente é comunicar ás palmeiras a sua virtude salina, com a qual se tem mostrado, com a experiência, que os coqueiros se conservam sem caírem dos cachos com grande perda dos palmareiros. E para o dito efeito se costumam cinzar os palmares duas vezes no ano, a primeira no verão, e a segunda no inverno no tempo da estrêla mogó; porém a larga experiência me tem mostrado, que aproveitando muito ás palmeiras a cinza lançada no inverno, a que lhes lançam no tempo de verão, nenhum proveito lhes faz, por lh'a lançarem fora do tempo, vg. de Dezembro para diante, e eu a tenho achado repetidas vezes crua e seca depois de muito tempo como na mesma hora, em que a lançasse.

36.º Pelo que, quem houver de cinzar os palmares duas vezes, a primeira faça logo depois da ultima chuva do inverno, quando a terra ainda está com humidade, porque como a cinza é esponjosa, a maneira de esponja embebe em si a mesma humidade, e a conserva no pé da palmeira, e só desta sorte é que a cinza refresca; a segunda o faça logo no princípio do inverno para que mais depressa se disfaça a cinza com a chuva, e participem logo as palmeiras a sua virtude salina que pelas raizes se comunica ao coração das mesmas palmeiras, e como para a cinza se lançar é preciso abrir as alengas das palmeiras, nas mesmas se conservará por mais tempo a água, e as palmeiras atrairão maior suco para se utilizarem e darem fruto mais copioso.



37.º Advirto, porêm, que em um e outro tempo melhor é que a cinza seja feita da palha da várzea salgada do que a cinza do fogão por esta ser mais quente porêm no inverno a cinza do fugão bem se pode lançar nas palmeiras ainda em grande quantidade, porque a água da chuva mortifica e distroe a sua demasiada calidez.

38.º Se alguêm tiver cómodo para isso, melhor será lançar no verão aos pés das suas palmeiras lodo salgado feito em pó, porque o lodo tendo o salgado da cinza, tem a substância, que a cinza não tem, e dura mais tempo que a cinza, e por experiência se tem visto que mais aproveita um cesto de lodo salgado seco, e reduzido a pó, lançado ao pé duma palmeira, do que muitos cestos de cinza; e desta sorte, sendo de maior utilidade, as despesas são menores, porque se o lodo está perto, com o que se compra um cesto de cinza se compram cinco cestos de lodo fresco, ou doze e meio de seco (como eu tenho comprado muitas vezes), e sendo necessário lançar todos os anos cinza aos pés das palmeiras, quem lhes lançar lodo, bastará que cada três o faça principalmente se aos pés das palmeiras lançar quatro ou cinco cestos de lodo fresco mais enxuto, ou três de lodo já seco, e reduzido a pó.

39.º Aonde não ha cinza nem lodo, se faz uma de duas coisas, porque ou se lança ao pé de cada palmeira medida e meia de sal que também faz muito proveito com a sua virtude salina, e com ela supre o salgado do lodo e da cinza, mas deve-se lançar no tempo da chuva assim por ser quente, como para que

logo se desfaça, ou lhes lancem folhagem de mato, da maneira que agora direi.

40.º Tanto que começar a chover bem no tempo do inverno, abrem-se as alengas das palmeiras e se encham das fôlhas de combió, ou dinem, ecchi, e outras várias, que hão nos matos, e depois de estarem as alengas bem cheias se cubram de mate suficiente para que a chuva apodreçam, de sorte que se reduzam a cinza, e a experiênciã tem mostrado, que esta cinza, é mais propícia ás palmeiras, do que outra qualquer, e dêste remédio se pode usar em lugar da cinza, e o lodo naquelas partes, em que os palmares ficarem juntos dos esteiros. Desta sorte se fazem de uma vez dois serviços, porque se abrem as alengas para em si receberem água, e se cinzam as palmeiras.

## CAPÍTULO VII

Se é ou não conveniente  
 que nos palmares hajam arvoredos  
 e quais devem ser

41.º É sem dúvida, que quanto os palmares mais desabafados estiverem, e mais livres *de quem lhes impeça o vento* tanto melhor serão, regularmente falando, que a larga experiênciã mostra, que a falta do vento nos palmares lhes é muito prejudicial, e daqui vem que os palmares muito inchados, e bastos, em que as palmeiras estão muito inchadas, ou dão pouco fruto, ou totalmente nada, motivo porque é preciso desbastar as palmeiras como

já fica dito. Porém, não se pode negar que ha muitos palmares em que por necessidade devem plantar arvoredos pelo meio das palmeiras, para que lhes façam alguma sombra aos pés mas não tão bastos, que totalmente lhes impeçam tomar vento. Tais são os palmares de mondoly e outros chãos muito calidos, e secos, em que o sol com o seu calor faz maior impressão, porque êstes necessitam de árvores, com cuja sombra se defendam do dano, que o calor lhes fará se as não tiverem.

42.º As principais que servem, não só para o dito efeito, mas também para com o seu fruto acrescentarem o rendimento, são mangueiras e jaqueiras. As mangueiras devem ser enchertadas, assim porque não *sobem tanto*, como porque o seu fruto é melhor, e mais succoso. E esta enchertia se deve fazer de boas castas, não só tempo de mogó, como alguns erradamente cuidam, mas tanto que começa o inverno porque assim terão idade em todo o tempo para assim pagarem bem os garfos; seja, porém, em ocasião de lua cheia porque então está todo o suco das árvores espalhado pelos troncos, e pegam os garfos com maior segurança. Enquanto êstes enxertos se fizerem mais no ponto da lua cheia, tanto mais se assegurarão.

43.º Se, porém, esta enxertia se não puder fazer por alguma causa na conjunção da lua cheia, faça-se ao menos ao quarto crescente até a dita conjunção, quando ainda o suco das árvores se vai espalhando pelos seus ramos ou troncos; porque fazendo-se depois da lua cheia, como neste tempo vai o suco recolhendo-se nas raizes, faltando êstes aos garfos,



corre grande risco de não pegar. E para êste efeito se busque enxertador perito que corte bem os garfos, que se hão de meter entre a pele ou casca do tronco e o mesmo tronco; que os parta bem, e com o mate e cariá tape bem todas as rachas, e aberturas, para que lhes não entre a água e que finalmente cubra bem as cabeças dos troncos enxertados, para que a água não caia nelas, e de algum modo penetre dentro da casca, e damne os enxertos.

44.º As jaqueiras devem ser de boas castas, e destas, dizem alguns, que melhores são as baricas do que as geriçais. Outros seguem a opinião contrária. Mas o certo é, que hão jacas baricas, que excedem a geriçais, e hão geriçais, que excedem muito as baricas. Porém, ou nos palmares se semeiam jacas baricas, ou geriçais, o certo é que muitas vezes degeneram, porque de geriçais ficam baricas e de baricas ficam geriçais.

45.º No modo comum de semear, ou plantar castas de árvores, ha muitos modos, e também muitos erros. Uns fazem buracos no chão bastantemente fundos e suficientemente largos, os quais enchem de pó de bosta seca, e de olas secas, das que serviram nas casas, misturando-as com bom mate, e dentro semeiam caroço quási a flôr da terra, o qual arrebetando, como acha a cova fofa, começa logo a lançar raizes profundas, a crescer grandemente e em breves anos se fazem árvores, e dão fruto; principalmente se nos primeiros três anos lhes continuam com boa regadura.

46.º Outros enterram no chão uma jaca inteira, que tenha ainda seu pé no qual amarraram uma corda na ponta dum bambù, que de



outra parte enterram no chão, ficando o bambú arqueado violentemente e assim se conserva, até que apodrecendo a jaca com a força do bambú, sai para cima o seu tutano (*placentaria*), ficando só os bagos da jaca dentro da casca, os quais a seu tempo nascem todos juntos, e tanto que estão um pouco crescidos, os amarram em terra fortemente uns com outros, e por virtude dêste aperto se vão unindo com o tempo entre si, de sorte que vem a fazer um só tronco, que dentro de breves anos dá fruto com abundância. Eu não vi êste modo de criar jaqueiras, mas ouvi dizer que se praticava em algumas partes, e sujeitos me afirmaram, que as tinham visto. Porém os troncos de jaqueiras por êste modo, de nenhuma sorte, servem para madeira, como os que se criam pelo primeiro modo, e mais modos que logo direi.

47.<sup>o</sup> Outros costumam semear em Abril ou Maio caroços de jacas em algum chão, aonde todos nascem e se vão criando até a estrêla de mogó e então os arrancam um por um, e os transplantam aonde lhes parece conveniente, e êste é o modo comum com que os naturais fazem êstes plantamentos; mas regularmente falando, com mau successo, porque as jaqueiras são árvores milindrosas, que não consentem, que lhes toquem nas raizes, sob pena de morrerem todas, ou de escaparem rarissimas, e assim saem muito fracas, como eu muitas vezes experimentei quando imitei aos naturais; porém depois que me ocorreu outro modo, todas se lograram com bom successo, e em breves anos se fizeram, o modo de quo agora uso é o seguinte,

48.º Tanto que tenho noticia, que ha jacas boas, por qualquer via, ainda que cada uma me custe dobrado preço. Mando fazer cestinhos de bambús de altura de dois palmos e meio, e três ou quatro de circunferência; mando-os encher de bom mate, e em cada um meto três castanhas, ou semente de jaca, e os mando regar ao principio todos os dias, e depois, um dia por outro até chegar o principio do inverno, e então enterro totalmente cada um dos cestinhos, em lugar competente, faço-lhes sua cêrca, que defenda as jaqueirinhas do gado, e apodrecendo logo os cestinhos com a chuva, lançam as jaqueirinhas livremente as raízes pela terra sem offensa, ou sentimento algum.

49.º E como regularmente semeio êstes caroços, ou castanhas, em Janeiro ou Fevereiro, desde então até junho crescem nos cestinhos, e ficam de altura de mão e meia, ou duas mãos (*cada mão são dois palmos*) e plantadas depois no chão dentro de um ano se fazem mais altas que um homem de boa estatura, principalmente se as regam bem, e se ha cuidado de cortar-lhes os raminhos, que rebentam pelos lados da haste deixando-lhes sómente as guias. A causa porque semeio em cada cestinho três castanhas é, porque muitas vezes não nascem todas, e se nascem algumas ficam fraquinhas, porêm depois de estarem todas as jaqueiras arraizadas, deixando sómente uma mais forte corto ou, arranco as mais para que se logrem melhor. E desta sorte tenho criado grande número de jaqueiras, e outros fizeram o mesmo a minha imitação.

50.º Se agora me perguntarem qual destas

duas espécies de árvores é mais útil ou menos nociva nos palmares, respondo que ambas são úteis pelo seu fruto e rendimento, mas a jaqueira é mais útil pela sua madeira, que é a excelente e melhor da Índia, depois da teca. E sendo a mangueira nociva ás palmeirinhas com sua sombra, de que muito fogem, com a sombra e visinhança da jaqueira se dão bem sem que uma se afaste da outra, como se deixa ver a todos os que observam êstes diversos efeitos.

51.º Devem, porêm, estas árvores plantar-se nos lados dos palmares, e se por dentro dêles fôr necessário plantar alguma, seja no meio de valadinhos, ou nos ângulos para que não impeçam as lavras. As mais árvores não se consintam no meio dos palmares, principalmente a teca, nem tamarindeiros, porque são muito nocivas com a sua sombra, e suposto que os tamarindeiros sejam rendosos com o seu fruto, e as tecas com a sua madeira, mas é o lucro que impedem, com o damno que causam, do que o proveito, que só dão depois de quarenta ou cincoenta anos. Para êste género de árvores são próprios os outeiros, a onde se podem semear.

## CAPÍTULO VIII

De outras coisas concernentes ao benefício e granjeamento dos palmares

52.º Muitas outras cousas são precisamente necessárias para os palmares serem bem tratados, e darem fruto : uma é que sempre andem limpos de arbustos agrestes porque êstes



além de tirarem a fôrça da terra, impedem fazerem-se as lavras, como é bem patente. A segunda, é que todos os anos de meiado de Julho para diante se reformem os valadinhos (*bordas*) dos canteiros, para que se conservem nêles a água necessária para bem dos palmares.

53.º Disse de meiado de Julho para diante, porque se antes se reformassem, sendo os palmares de terra de areia, a muita fôrça da chuva os quebrará logo, e será a despesa inútil. E se o palmar estiver plantado em terra de outeiros, como esta é bibula, os canteiros ficarão cheios de água, a qual ficando represada é nociva aos palmares por duas razões, porque faz-lhes apodrecer as raizes, sem as quais não darão fruto, e porque amolecendo a terra com muita água, as grandes ventaneiras, que então hão, junto com o pêso dos cachos e as olas darão com as palmeiras abaixo com grande perda dos palmareiros. Reformando-se, porém, os ditos valadinhos de meiado de Julho para diante, como já nem as chuvas são tantas, nem os ventos são rijos, não tem os sobreditos perigos, e as palmeiras ficarão com frescura de água necessária para sua conservação.

54.º A terceira coisa muito precisa para os palmares são as lavras repetidas, e quanto mais fôrem tanto mais é propicio. Mas devem ser feitas de sorte que o chão fique bem cortado, para que as palmeiras possam livremente estender as suas raizes, e a água calcar (*sic*) bem a terra. Porque o mais é arranhar, e não lavrar. Estas lavras em terra de areial se podem começar em qualquer tempo, mas o cos-



tume é começá-las no tempo da chuva do mogó, que regularmente começa pelos 10 ou 11 de Agôsto e assim vão continuando as seis lavras costumadas, até Outubro, metendo de permeio entre uma e outra 15 dias.

55.º Isto se deve entender dos palmares de areial, que se podem lavrar em todo o tempo mas nos palmares de outeiros devem as lavras começarem mais cedo pelo perigo de faltarem depois as chuvas, sem as quais não se pode lavrar semelhante chão. Depois de cada duas lavras se deve dar uma táboa (*nivelador*), que não só serve para matar a palha mas para endireitar os chãos, coisa muito precisa nos palmares, em que muito pouco ou nada cuidam.

56.º Acabado o inverno ainda se costumam fazer mais duas coisas nos palmares. A primeira é que chamam dobrar as alengas, e consiste em tornar a encher as que estão abertas por respeito da chuva, cinza ou lodo. Porém êstes serviços, regularmente falando, se fazem com pouco ou nenhum proveito, porque só se lança algum pouco de mate nas ditas alengas, do que está mais visinho a elas. Eu porém, mando puchar do que está pelo meio dos canteiros, e não está tão cançado, e com êle mando encher as alengas, de sorte que êste novo mate sobrepuje quatro ou seis dedos sôbre o plano do palmar, e desta sorte ficam as palmeiras cada ano como entulhadas, e capazes de resistir ao calor do sol.

57.º A segunda coisa é renovar os valadinhos outra vez dos canteiros, mas é despesa totalmente escusada por duas razões. A primeira é porque os valadinhos só se fazem e se renovam para sustentar a água nos cantei-

ros, e como já naquele tempo não ha água que conservar, bem se deixa ver ser desnecessária esta despesa, e sem beneficio. A segunda é porque os tais valadinhos não se conservam em ser até o inverno seguinte, mas no tempo do verão os quebra o gado e a gente que passa pelos palmares; só será conveniente raspar com a enxada toda a palha, que pelos valadinhos houver, para que o gado a não venha comer, e com esta ocasião os destrua totalmente; como as palmeirinhas pequenas, mangueirinhas, jaqueirinhas, enxertos que nos palmares houverem.

## CAPÍTULO IX

Ensina-se como se hão de plantar, e conservar no chão de mondoli não só as palmeirinhas pequenas mas também as grandes

58.º E a doença de mondoli tão perneciosa aos palmares, que não deixa lograr as palmeirinhas, que nos chãos infectos com esta peste se plantam, mas também mata as palmeiras grandes. Por esta causa a grande parte dos palmares dos areiais da provincia de Salcete estão totalmente perdidos e desertos, e os senhorios dêles se não atrevem a fazer nos tais chãos novos plantamentos, porque aqui ninguém descobriu eficaz remédio, com que se cura tão grande e pernicioso mal. Eu, porém, que costume reparar em tudo o que vejo nas fazendas, observei muitas vezes que em alguns palmares que estavam a meu cui-

dado haviam em muitos lugares duas palmeiras juntas, e ambas muito viçosas, sendo o chão de mondoli. Perguntei aos mocadões (já eram antigos) como e porque razão tinham aquelas palmeiras juntas, quando ainda outra maior distância era prejudicial para as palmeiras. Responderam-me que a causa fora, porque estando algumas palmeiras quási mortas, e sem esperança de escaparem, lhes plantaram outras ao pé, e não só lograram as segundas, mas as palmeiras reviveram e estiveram tão formosas, como eu vi, sem que se pudessem distinguir quais fossem as primeiras, e quais as segundas.

59.º Á vista desta resposta comecei a entrar em discursos, e quási advinhando a causa deste segredo, ordenei a cinco mucadões, que me eram subordinados, que cada um no seu distrito plantasse logo cinco palmeiras, junto de outras cinco, em chãos de mondoli, que estivessem quási mortas. Assim se fez, e a seu tempo achei, que não só escaparam todas as 25, que de novo se plantaram nas covas das moribundas, mas também estas reverdeceram, e ficaram tão formosas, que só pelos sinais, que mandei pôr se podiam conhecer e quais as segundas, e me conformei no meu pensamento.

60.º E se alguêm me perguntar agora qual seja a causa disto? Respondo. Que a verdadeira e genuina só Deus a sabe; mas o que eu posso conjecturar é uma de duas coisas; a primeira, que como a doença de mondoli é muito forte, e as palmeirinhas plantadas de novo são tenras plantas, enquanto a primeira estava só a doença se empregava toda nela e matava; porém depois de plantar a segunda



*dividiu se o mal por ambos* ; já então uma e outra palmeirinha, não só podiam tolerar mas prevalescer contra êle.

61.º A segunda é que assim como nas mais cousas hão suas simpatias e antipatias, assim também haverão nessas pequenas plantas, e para que a primeira ficasse (digamos assim) como senhora do lugar que a segunda lhe queria tornar, se esforçaria de sorte, que não ficasse vencida da substituta, e esta, pela mesma causa, não queria ceder á primeira ; seja porêm, o que fôr, o certo é que assim me succedeu, e assim experimentei. Donde se infere já qual haja de ser o remédio para não morrerem as palmeirinhas que plantarem neste chão ; só me faltou observar se o mesmo acontecia plantando logo juntamente duas palmeirinhas na mesma cova, mas o que eu por inadvertência deixei de fazer, podem agora os palmareiros experimentar, e se lhes succeder o mesmo, tem o remédio na sua mão.

62.º Bem sei que me poderão dizer que estando duas palmeirinhas na mesma cova, uma tomará o vento e a substância da outra, mas não ha que isso receiar porque eu vi em vários lugares, que de um côco nasceram três pés de palmeira realmente distintas, que a compasso que ia crescendo se iam afastando umas das outras, e todas davam frutos, sem nenhum dos perigos temidos. E porque não serão assim duas palmeiras nascidas de dois cocos diversos enteriados na mesma cova ?

63.º Outra coisa observei mas neste particular, e foi que passeiando por palmares infectos dêste mal reparei, que o seu mate pela parte superior estava muito fino por modo de



farinha, e parecia podre, e mandando cavar o interior do chão achei que o mate era muito diverso, porque mais encorporado era, e de diferente côr; assentei comigo, que a principal fôrça desta doença estava na superfície da terra, e porisso morriam desta doença as palmeirinhas, que se costumavam plantar muito profundas.

64.º Pelo que, em dois palmares ou chãos, em que êles tinham estado, mandei que se escavasse mate na altura de uma mão ou mão e meia, e que êste se tirasse com cestos e com êles se fizessem valados á roda dos ditos chãos, que estavam totalmente abertos e expostos ao gado, e nos planos que ficaram mandei armar os canteiros e plantar palmeirinhas, que em um foram mil e seiscentos pouco mais ou menos, e em outro perto de setecentos, e todas com universal admiração saíram excelentes e se conservaram enquanto corri com aquelas fazendas, pôsto que depois morreram algumas com a entrada do inimigo marata pelo pouco ou nenhum cuidado, que delas houve. Quem quizer tomar esta lição com cuidado, experimentará o mesmo que exeperimentaram outros, que dêste ou pouco diferente modo fizeram alguns plantamentos os quais eu vi, e se conservaram tendo dêles bom cuidado.

65.º Resta agora ensinar meio para não morrerem as palmeirinhas grandes, plantadas nesta casta de chãos, e também o apontarei deduzido das observações que fiz. Nos palmares em que corri, e nos outros por onde passei, reparei que as palmeiras grandes desencançadas em árvores de gralha, que se tinham

criado das forquilhas ou estacas, que antes lhes arrumaram para não caírem, estando entesadas com as raízes destas árvores todas eram antigas, e davam muito fruto, como costumam as palmeiras plantadas nestes chãos, sinal de que são muito fortes, e discursando sôbre as causas disto, assentei comigo, que o morrerem as palmeiras, que não estavam enlançadas em raízes destas árvores, e viverem tanto as que com elas se abraçavam provinha de um de dois princípios, ou porque a árvore de gralha atraía a si a doença das palmeiras, ou lhes comunicava, alguma qualidade, que lha matava, ainda agora sou deste parecer, e serei, enquanto me não constar o contrário.

66.º Logo que as palmeiras destes chãos tiverem pé suficiente, lhes farão estacas de árvores de gralha, e como estas crescem depressa, e se abraçam suas raízes (*aereas*) com as palmeiras, poderá ser que por êste meio escapem, e se conservem, o que a experiência mostrará. Bem sei que hão de dizer, que desta sorte os palmares se não poderão lavar; mas pouco importa que se não lavrem, contanto que se conservem, e dêem bom fruto, que é o que os palmareiros pretendem. Em lugar de lavar, mandem-lhes cavar aos pés, e talvez que seja com mais proveito, e certamente fará com menos despesa.

67.º Isto é o que entendo nestas matérias, e já o teria pôsto por papel, como muitos naturais, ha muitos anos, me tinham pedido; mas nunca tive o tempo de poder fazer êste bem ao público, como muito desejava. Agora, porém, que por justas causas me pede quem mo podia mandar satisfazer, satisfaço á obe-

diência e caridade: queira Deus, que estas regras aproveitem, que certamente aproveitarão, se houver quem use delas não se afastando um ponto do que nelas digo, porque me não guio nestas matérias por costumes, como fazem os naturais, mas dou os ditames da razão, fundados nas observações, e experiências. Deus, que é autor, de todo o bem, disponha que tudo suceda prósperamente, para sua maior glória, e bem universal de todos.



S.A. /  
28579





